

ESTÉTICA: PERCEPÇÕES FENOMENOLÓGICAS GENERALIZADAS

*Shirlei Virgínia Lima Mendonça¹
Fausto Rocha Fernandes²*

RESUMO: A percepção estética, de cunho fenomenológico, parte principalmente do espectador, embora esteja presente também no ato criador, é no espectador que o fenômeno se realiza, essa abordagem filosófica também pode ser compreendida como um estudo da essência na existência. O presente estudo tem como objetivo identificar a relação entre a estética e a fenomenologia para compreender as percepções fenomenológicas que proporcionam o entendimento do movimento sobre a estética, a fenomenologia pode ser proficiente no auxílio de uma descrição detalhada possibilitando o retorno de uma reflexão crítica relativa a este campo fazendo correlações com a psicologia. O presente artigo desenvolveu-se em uma pesquisa bibliográfica utilizando-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados e fundamentadas. Portanto vale considerar a fenomenologia como possibilidade para orientação nas investigações, e assim é possível concluir que através da abordagem fenomenológica que desperta o interesse pelo mundo das experiências que é desenvolvido pelas percepções e se apresenta como um panorama vasto de possibilidades. Por fim a percepção estética, diferente da percepção comum, propicia qualidades, novos sentidos e atmosferas, novas formas de ver, pensar ou sentir, para além do que está constituído, ela possibilita configurar novas formas de ser e estar no mundo.

Palavras chave: Fenomenologia. Estética. Percepções.

1. INTRODUÇÃO

¹ Graduanda no Curso de Bacharelado de Psicologia, UNIFUCAMP - Centro Universitário de Mário Palmério.

E-mail: shirleivirginia@gmail.com

² Prof. Docente na Instituição UNIFUCAMP - Centro Universitário de Mário Palmério. E-mail: faustorochoaferrandes@bol.com.br

A fenomenologia estuda a estrutura de vários tipos de experiência, verifica-se que o termo fenomenologia significa o estudo dos fenômenos, daquilo que aparece à consciência, buscando explorá-lo. A fenomenologia surgiu na filosofia como ciência sobre a experiência que a consciência tem do mundo, a relação entre a consciência do saber humano e o mundo exterior a ela.

De acordo com Feijoo e Goto (2016), sobre as pesquisas fenomenológicas em psicologia descrevem pautar-se no método fenomenológico, assim, as características de uma pesquisa fenomenológica seriam a redução psicológico-fenomenológica, a descrição dos vetores internos dos fenômenos psíquicos, e a explicitação das vivências. A atitude fenomenológica em que há a possibilidade de se pensar uma pesquisa psicológico fenomenológica.

A Fenomenologia objetivou seguir um caminho diferente de todos estes grandes autores e correntes do pensamento filosófico, no qual se avançou no desenvolvimento da fenomenologia tratando os fenômenos a partir dos modos como dados à consciência, assim qualificam a Fenomenologia como matéria fundamental para o retorno à consciência, estipulando uma determinação radical para este retorno, ao mesmo tempo que discutem sobre a exploração sistemática do campo que é posteriormente revelado; assim, a Fenomenologia serviria como um guia da problemática filosófica sobre a questão dos entes em sua multiplicidade de formas e níveis (DÉPRAZ, 2008; SMITH, 2014)

Sendo assim, o presente estudo tem como objetivo geral identificar a maneira se estabelece a constituição da fenomenologia da percepção estética. Quanto aos objetivos específicos visa compreender o propósito do método fenomenológico, analisar a base teórica da fenomenologia com a estética e por fim refletir sobre a experiência estética como um fenômeno centrado na percepção sensível.

Verifica-se a discussão sobre a temática estética, no qual está relacionada a contextos que representa a beleza em diferentes momentos históricos, a pesquisa traz como problema a seguinte pergunta: identificar e explorar a relação entre a fenomenologia e a estética, entender a argumentação teórica que a fenomenologia proporciona para o entendimento do movimento do olhar excessivo sobre a estética.

Para Saison (2005), o método fenomenológico é o único possível de explicitar a correlação noético-noemática e de aclarar a intencionalidade específica contida nos atos constitutivos da experiência estética. A ligação dos dois campos, quais sejam, fenomenologia e estética, traria a esperança de superar os conflitos que têm enfrentado as teorias da subjetividade e dos objetivismos neste campo do saber.

O presente estudo traz como a justificativa pessoal adquirir conhecimento perante o tema e que possibilite o retorno de uma reflexão crítica relativa a este campo fazendo correlações com a psicologia. Quanto a justificativa social busca maior entendimento da percepção estética, remetendo-se a corpo e beleza, a fenomenologia pode ser proficiente no auxílio de uma descrição detalhada, já diante da justificativa científica busca acrescentar a partir da descrição das estruturas subjetivas e abranger mais o enfoque em forma de conhecimento, para então maior entendimento da percepção estética fenomenológica.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Conceito de Fenomenologia

O fenômeno é aquilo que se oferece à observação pura. Os fenômenos devem ser descritos tais como se manifestam, imediatamente, para a consciência, como dados puros e simples, como significados. Isto só pode ser alcançado através de uma intuição que se manifesta antes de toda reflexão, ou juízo, a respeito do fenômeno. A fenomenologia tem como preocupação dar uma descrição pura da realidade, ou seja, do fenômeno. O fenômeno é aquilo que se oferece à observação pura (HUSSERL APUD GILES 1979).

Para a Fenomenologia, a consciência que o homem tem do mundo é mais ampla que o simples conhecimento racional ou empírico, porque ela é fonte de intencionalidades, tanto cognitivas quanto afetivas e práticas. O olhar do homem sobre o mundo é um ato pelo qual ele o experiência, transforma, interpreta, percebe e imagina-o.

Segundo Kunz (2000), a fenomenologia é caracterizada por possuir um campo de investigação amplo e aberto, mostrando como redescobrir o que foi ou está encoberto. Neste sentido, ela pode nos posicionar em direção ao entendimento do movimento humano sem mediações, ou seja, sem as influências do pensamento racionalizado, alienado e parcializado, produzido pela ciência moderna.

Compreende-se que a fenomenologia como um método ou como um olhar que conduz a pesquisa descrevendo de forma intuitiva a realidade, ou fenômenos, através dos sentidos, e que tem por objetivo expressar a natureza essencial das coisas percebidas, ou seja, o sujeito sempre está em evidência, pois, é a sua consciência que fornece significados para os fenômenos.

A fenomenologia conforme Sokolowski (2004) é o estudo da experiência humana e dos modos como as coisas se apresentam por elas mesmas para nós em e por meio dessa experiência. Desta forma procura restabelecer o modo de pensar da filosofia provinda da Grécia, principalmente com Platão e criticar o pensamento moderno e toda sua forma de entender a realidade.

Ainda sob a perspectiva de Sokolowski (2004), a atividade de dar conta é o significado do termo fenomenologia. Esta atividade de dar conta proporciona vários fenômenos e dos vários modos em que as coisas podem aparecer. Pode-se explorar todos os fenômenos, quando se percebe a intencionalidade de nossa consciência em direção ao fenômeno

Sobre o método fenomenológico, tem-se a premissa definição de Merleau-Ponty, que descreve a fenomenologia como se,

Refletindo na essência da subjetividade, eu a encontro ligada à essência do corpo e à essência do mundo, é porque minha existência como subjetividade é uma e a mesma que minha existência como corpo e com a existência do mundo, e porque finalmente o sujeito que sou, concretamente tomado, é inseparável deste corpo-aqui e deste mundo-aqui. O mundo e o corpo ontológicos que reconhecemos no coração do sujeito não são o mundo em ideia ou o corpo em ideia, são o próprio mundo contraído em uma apreensão global, são o próprio corpo como corpo-consciente (MERLEAU-PONTY, 2014, p. 547)

A fenomenologia pressupõe um recurso de redução conforme Forghieri (2012), essa redução é descrita como epoché é um de seus princípios base, pois leva à essência do fenômeno, sob essa perspectiva é necessário refletir sobre a nossa vida cotidiana, para que se revele a existência de nossa consciência.

Desse modo, suspendemos ou colocamos fora de ação a nossa fé na existência do mundo em si e todos os preconceitos e teorias da natureza dela decorrentes. A redução não é uma abstração relativamente ao mundo e ao sujeito, mas uma mudança de atitude que acredita que o mundo existe por si mesmo, independente de nossa presença (FORGHIERI, 2012).

A fim de se ter melhor compreensão, pode-se dizer que a Psicologia Fenomenológica tem-se a fundação de uma nova psicologia que não se confunde com uma abordagem da Psicologia. Sob esta perspectiva a experiência estética e a experiência fenomenológicas são constituídas como experiências que evidenciam elementos duradouros e são também experiências de conhecimento.

A experiência fenomenológica, de acordo com Gadamer (2005) longe de ser uma modalidade de experimento refere-se a todas as vivências da consciência intencional, ou ainda, ao conteúdo desta consciência, a partir dos quais pode-se falar de uma evidência fenomenológica. Nessa conformidade, a vivência fenomenológica é tida como efetividade, como consciência que apreende ou põe existência.

A fenomenologia existencial utiliza a comunicação interpessoal para chegar à compreensão dos significados da experiência vivida pelo indivíduo, enfatizando a experiência consciente deste sujeito intenção, permitindo assim chegar-se ao nível de descrição. A partir do uso de ilações lógicas, a redução da experiência consciente permite ao pesquisador localizar aqueles elementos de significado que estão empiricamente presentes na situação, sendo percebidos e expressos por meio do discurso do sujeito de pesquisa (Martins, 1993).

Desta forma, segundo Dartigues (2003), pretendendo-se inteirar sobre a fenomenologia como o estudo ou ciência do fenômeno se tem que pensá-la como ilimitada, pois tudo o que aparece é fenômeno e passível de ser descrito, portanto

todos podem querer o status de ser fenomenólogos, pois todos possuem condições de descrever as aparências e aparições que nos cercam.

Verifica-se que outro ponto relevante que merece destaque na fenomenologia segundo Sokolowski (2004), são a identidade e a inteligibilidade, onde essas categorias para a fenomenologia estão disponíveis nas coisas, e que são direcionadas para nós. Desta forma pode-se entender o modo como as coisas são e descobrir sobre nós mesmos. Sobre esta questão o autor comenta que:

Não somente podemos pensar as coisas dadas para nós na experiência, mas podemos compreender também a nós mesmos enquanto as pensamos. A fenomenologia é precisamente este tipo de compreensão: a fenomenologia é a autodescoberta da razão na presença de objetos inteligíveis. (SOKOLOWSKI, 2004, p. 12).

É válido lembrar que a Fenomenologia e a Psicologia se apoderam do mesmo intento de fundamentar e esclarecer a subjetividade do indivíduo, ou seja, descrever a sua correlação com o exterior, de acordo com os níveis fenomenológicos.

Para isso, de acordo com Goto (2015), a Fenomenologia transcendental e a Psicologia Fenomenológica, pôde encontrar a possibilidade de relações entre a subjetividade e a objetividade, evitando o rompimento indivíduo-objeto, e entre mundo teórico e mundo vivido. Não apenas possibilitou à Psicologia uma disciplina própria, mas também um método para ultrapassar o plano empírico-objetivista.

É válido lembrar que a Fenomenologia e a Psicologia se apoderam do mesmo intento de fundamentar e esclarecer a subjetividade do indivíduo, ou seja, descrever a sua correlação com o exterior, de acordo com os níveis fenomenológicos.

Para isso, de acordo com Goto (2015), a Fenomenologia transcendental e a Psicologia Fenomenológica, pôde encontrar a possibilidade de relações entre a subjetividade e a objetividade, evitando o rompimento indivíduo-objeto, e entre mundo teórico e mundo vivido. Não apenas possibilitou à Psicologia uma disciplina própria, mas também um método para ultrapassar o plano empírico-objetivista.

2.2 Estética E Fenomenologia

Diante desse contexto e buscando um maior aprofundamento do conhecimento em relação a estética fenomenológica, para Dufrenne (2004), a percepção estética é, de fato, a percepção real, aquela que só quer ser percepção, sem se deixar seduzir pela imaginação, que convida a vaguear em torno do objeto presente, ou pelo intelecto que, para dominar o objeto, procura reduzi-lo as determinações conceituais; o objeto estético está ligado duplamente à subjetividade do espectador, da qual solicita a percepção para a sua personificação, à subjetividade do criador, da qual solicitou a atividade para a sua criação e que nele se exprime, procura uma verdade sobre o objeto.

Por sua vez, Gadamer (2005) discorre que notável que é parte indissociável da constituição da análise estética dos objetos a sua dependência direta dos dados da percepção sensitiva, da intuição e da imaginação. No entanto, há um outro caminho de aproximação teórica da fenomenologia com a estética, o qual está relacionado com a fundação de uma postura intermediária entre o objetivismo e o subjetivismo, onde à crítica fenomenológica aplicada à psicologia e a teoria do conhecimento do séc. XIX a liberação dos conceitos que impediam uma adequada compreensão do ser estético.

Entende-se que a estética é conhecida como a filosofia da arte, é o estudo do que é belo nas manifestações artísticas e naturais, A estética é uma ciência que remete para a beleza e também aborda o sentimento que alguma coisa bela desperta dentro de cada indivíduo.

Ao partir do pressuposto sobre as equidades entre a experiência fenomenológica e experiência estética pode-se elucidar uma definição bem clara, quando definiu-se de acordo Jimenez (1999) que a história da estética é concebível com a condição de dar a este termo um sentido largo: ela seria, por consequência, não a história das teorias e das doutrinas sobre a arte, sobre o belo ou sobre as obras, mas a história da sensibilidade, do imaginário e dos discursos que procuraram valorizar o conhecimento sensível, dito inferior, como contraponto ao privilégio concedido, na civilização ocidental, ao conhecimento racional.

De acordo com Werle (2015), a experiência estética constitui uma dimensão que perpassa o tempo e que confirma a ideia de que a arte é uma “linguagem universal”. Para o autor, é esse substrato de essência, que se apresenta em toda obra de arte, que permite pensar em uma ontologia da obra de arte.

O conceito do belo é para tanto demasiadamente estreito e limitante. Na verdade, não é possível fixar uma norma ou valorização, a partir de conceitos como o belo, ou sobre o que é um objeto estético:

Nós não podemos dizer aqui qual é esta norma do objeto estético, pois, ele é inventado por cada objeto, que não tem outra lei senão a que dá a si mesmo; mas pode-se dizer ao menos que, sejam quais forem os meios de uma obra, o fim a que ela se propõe para ser obra-prima é por sua vez a plenitude de ser sensível e a plenitude de significação imanente ao sensível (DUFRENNE, 1953, p.22).

Para iniciar a correlação entre a estética e fenomenologia, com base na ideia de percepção, tem-se que a palavra “estética” vem do grego *aísthesis*, que significa sensação, sentimento. Diferentemente da poética, que já parte de gêneros artísticos constituídos. A estética analisa o complexo das sensações e dos sentimentos, investiga sua integração nas atividades físicas e mentais do homem, debruçando-se sobre as produções (artísticas ou não) da sensibilidade, com o fim de determinar as suas relações com o conhecimento. (ROSENFELD, 2006.)

Compreendendo a estética, no que se refere a sua afinidade com a teoria da arte, perfazendo os diversos e variados estilos artístico, não sem, contudo, enfrentar problemas de sustentação, de modo que, faz pesar sobre quem quer que reflita sobre a arte e sobre suas obras o risco do fracasso. Assim fica a especulação abstrata, caso em que a arte enquanto prática concreta lhe é inacessível, ou então aplica à arte o resultado de suas meditações, e se pretende continuar a sê-lo de qualquer maneira a arte lhe escapa (JIMENEZ, 1999).

É notável que com o decorrer dos anos, cada vez mais as pessoas buscam melhores resultados de sua estética, podendo assim elevar a autoestima e bem-estar, percebe-se de fato uma supervalorização e um excesso de preocupação do

estereótipo do corpo perfazendo-se uma correlação direta com a automotivação, tal movimento deixou de ser uma atividade supérflua e virou questão de diversas disputas.

Conforme Heidegger (2012), a influência conceitual da fenomenologia para a estética é constatável no que se refere ao seu paradigma de análise que se reverte na atitude fenomenológica, isto é, na atitude que pressupõe a unificação do objetivismo e do subjetivismo, de forma que a consciência não é separada da realidade e o sujeito recupera a sua posição de centralidade cartesiana na constituição do conhecimento, mas com uma nova condição: a de intencionalidade, onde há a constante vinculação direta da consciência com toda a realidade transcendente.

Dufrenne (1976) em seus relatos no texto "O que é a estética", começa com uma definição que a estética é uma reflexão sobre as artes. É como uma reflexão sobre as artes que a estética se insere nos discursos dos historiadores, dos críticos, dos artistas, dos políticos. "O objeto que ela se atribui é a elucidação do que se faz e do que se busca em certas experiências: em certa experiência do mundo, mas sobretudo na experiência daquilo que nossa cultura chama de arte".

A estética é meditação, elucidação ou reflexão sobre a experiência em que se revela o objeto estético. A experiência que o homem faz da arte e da natureza é denominada experiência estética, experiência vivida diante de obras de arte, isso não significa indiferença pela experiência estética da natureza. (DUFRENNE, 1976).

Verifica-se que a fenomenologia, de acordo com Merleau Ponty (1908-1961), o corpo não é apenas um suporte para o sujeito racional, e sua razão de ser não é apenas servir de instrumento para as atividades cognoscitivas e valorativas da razão.

Entende-se que o corpo e o sujeito, não são como um ser duplo, e sim como uma estrutura única, um sistema integrado em que todas as partes e funções atuam como um todo no movimento geral da existência. Estas modalidades, que se constituem em maneiras de ser, de se relacionar com o mundo são, portanto, maneiras de organização das experiências.

Segundo Figurelli (2002), a estética fenomenológica é, hoje, uma das correntes de maior consistência no âmbito da estética. Sua história, entretanto, é recente, e o

ponto de partida naturalmente deve ser procurado na obra de Husserl – que, apesar de não ter escrito sobre o tema, propiciou elementos para o surgimento de uma estética fenomenológica.

Sendo assim, para maior compreensão da percepção estética, percebe-se o modo pelo qual deixamos nos afetar pelas experiências, e do que está presente quando entramos em contato com aquilo que rompe a barreira do habitual, diferente da percepção comum.

A percepção estética solicita-nos entrar em contato com o incomum, com aquilo que de algum modo é feito para proporcionar e gerar alguma mudança, impacto ou transformação ou que, ao menos, tem em si uma proposta para gerar isso.

Dentre muitas contribuições da fenomenologia, a percepção estética impõe-se como um campo privilegiado para a prática da redução, e ousa-se a dizer que a experiência estética realiza a redução fenomenológica no instante em que é “pura”. Mas há certas condições a serem observadas: a crença no mundo deve ser suspensa e todo interesse prático ou intelectual deve ser afastado. A percepção estética opera a neutralização, seja do irreal, seja do real, e o único mundo que pode estar presente ao sujeito é o mundo do objeto estético. (DUFRENE, 2004).

A redução fenomenológica, segundo Husserl (1991) é o procedimento que significa o caminho da consciência em direção às coisas mesmas e não às teorias, no qual é um processo pelo qual tudo que é informado pelos sentidos é mudado em uma experiência de consciência, em um fenômeno que consiste em se estar consciente de algo.

A redução fenomenológica requer a suspensão das atitudes, crenças, preconceitos, teorias, colocando em suspenso o conhecimento das coisas do mundo exterior a fim de se concentrar a pessoa, exclusivamente, na experiência em foco, tentando fazer a sua descrição e deixando, também, o fenômeno falar por si mesmo.

Sendo assim, diante do exposto verifica-se que experiência fenomenológica e os seus e seus conceitos de análise permitem a aproximação teórica entre a fenomenologia e a estética, porém considera-se que a experiência estética é equivalente da experiência fenomenológica, de modo que:

A experiência estética encontra o que procura no nível da aparência; por exemplo, encontra a qualidade da tristeza na melodia ou poema em si. É também por isso que o conhecimento por familiaridade [*connaissance*] é, a todo momento e para cada assunto, completa na experiência estética. Quando aprendemos a ver algo novo em uma melodia ou poema, isso não é progresso, mas conversão. (DUFRENNE, 1973. p. 432)

A experiência fenomenológica, longe de ser uma modalidade de experimento, refere-se a todas as vivências da consciência intencional, ou ainda, aos conteúdos desta consciência, a partir dos quais podemos falar de uma evidência fenomenológica. Nessa conformidade, ao pensarmos nas questões específicas da estética, podemos considerar os temas que ultrapassam a esfera do campo próprio do artístico para nos movermos em direção ao conteúdo rigorosamente metafísico que abarca as próprias condições de apreensão dos objetos estéticos. (HUSSERL, 2006)

Portando, a fenomenologia pode ser entendida como um método ou como um olhar que conduz a pesquisa descrevendo de forma intuitiva a realidade, ou fenômenos, através dos sentidos, ao identificar e explorar a relação entre a fenomenologia e a estética, entende-se que a argumentação teórica que a fenomenologia proporciona para o entendimento do movimento excessivo sobre a estética.

A experiência estética é revertida em experiência fenomenológica na medida em que na sua efetividade está a clarificação conceitual pautada pelo acesso ao conteúdo ideal do objeto artístico e não o esgotamento explicativo do conteúdo da obra de arte. Nesse sentido, a experiência estética, pela perspectiva fenomenológica, realiza-se enquanto experiência descritiva, na medida em que o processo de preenchimento da essência do objeto artístico enquanto manifestação fenomênica acontecer para a consciência (PINTO, 1995).

3. METODOLOGIA

O presente estudo desenvolveu-se em uma pesquisa bibliográfica, com aprofundamento teórico, no qual se baseia na discussão, reflexão e crítica de teorias,

buscando por meio de leituras dos clássicos e renomados de autores de determinada área afim de refletir sobre, por sua vez a pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza.

A metodologia da pesquisa caracteriza-se pela proposta de discutir e avaliar as características essenciais da ciência e de outras formas de conhecimento; as abordagens metodológicas, enfocando o planejamento, a apresentação de projetos e a execução dos mesmos, bem como a elaboração de relatórios, defesas e divulgação dos trabalhos de pesquisa embasados na ética profissional. (PASSERINO, 2004).

De acordo com Minayo (2004) a pesquisa é a atividade básica da ciência, ele afirma que a pesquisa é uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atitude de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados.

A pesquisa bibliográfica, dentro de sua estrutura e finalidade, permite ao pesquisador a realização de um trabalho científico que atenda aos objetivos propostos, com critérios e metodologia, em consonância com suas necessidades de pesquisador e contribuinte.

Segundo Severino (2007), a pesquisa bibliográfica se fundamenta a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos e teses. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados.

3.1 Procedimentos de Coleta de Dados

Assim conforme Demo (1991), a pesquisa teórica proporciona o domínio da literatura fundamental de determinada área que o pesquisador necessita conhecer, ao modo que se adquire o conhecimento da produção existente, proporcionando um suporte teórico para aceitar, rejeitar ou dialogar criticamente com o que já está produzido, criando novos conhecimentos ou levantando novos questionamentos de pesquisa.

Para coleta dos dados foi realizada uma revisão na literatura de publicações sobre o tema abordado no presente trabalho, no qual foram disponibilizados em artigos científicos, nas bases de dados Scielo, Google acadêmico e demais livros de autores que embasam a parte teórica e utilizou-se como palavras-chaves para a realização das buscas: fenomenológica, e percepção estética. A pesquisa foi realizada no período de novembro de 2020 a julho de 2021, e no material utilizado datados de 1976 a 2015.

Ressalta-se que, na abordagem fenomenológica enquanto método, o pesquisador assume o papel de coparticipante do processo na apreensão dos fenômenos e significados. Para tanto, requer uma postura reflexiva, sobretudo do ponto de vista axiológico em termos de validade e confiabilidade da pesquisa realizada (Merriam, 2001).

Por fim o pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos podendo efetuar pesquisas em portais de periódicos, além de investigações relacionadas a vários documentos que podem sustentar a discussão proposta, não sendo, portanto, uma simples transcrição de textos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Fenomenologia é um método de compreensão do fenômeno, evidenciado pelo renomado Husserl, na qual verificou a preocupação é a do rigor em que se propõe a pensar, apreender e investigar o mundo, ou seja, o retorno ao fenômeno. Sendo assim a fenomenologia é, portanto, uma ciência eidética, que busca desvelar a essência dos fenômenos vivenciados.

Assevera Holanda (2011) destacou que, a vivência acerca de determinado fenômeno significa a possibilidade de explorar, sob a ótica do respondente, toda a gama de sentidos dispostos em tal vivência. Implica ainda a possibilidade de se alcançar um horizonte de perspectivas diversas, únicas, factíveis, para aquele sujeito-vivente, a partir de sua própria vivência. Isso significa que não se explora uma

determinação a priori, mas um resgate de significações que somente o sujeito em questão pode estabelecer.

A fenomenologia pretende combater o empirismo e o psicologismo e superar a oposição tradicional entre idealismo e realismo, pela inter-relação entre a consciência e o real, definido pela intencionalidade. A Fenomenologia pode ser considerada uma das principais correntes filosóficas deste século (JAPIASSU E MARCONDES 1996).

Por sua vez, para Gallagher (2012), a fenomenologia é uma tentativa de descrever nossa experiência de sentido, mas não do modo como a Psicologia poderia tentar explicar esta experiência. Dessa forma, mesmo que Husserl (2006) tenha proposto o desenvolvimento de uma nova psicologia, seu interesse não estava em analisar a constituição psicofísica do ser humano, muito menos em investigar empiricamente a consciência. Ao contrário, procurou-se entender aquilo que intrinsecamente e em princípio caracteriza percepções, julgamentos, sentimentos, e assim por diante.

Segundo Merleau-Ponty (2006), em seus estudos, ressaltou que a fenomenologia busca compreender o homem e o mundo a partir de sua facticidade. A consciência se apreende a si mesma como fato. Fato de que as coisas estão aí, simplesmente, como são, sem necessidade nem possibilidade de ser de outra forma. A fenomenologia é uma filosofia, segundo a qual o mundo está sempre aí antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço está em reencontrar este contato ingênuo com o mundo para lhe dar enfim um status filosófico.

Compreende-se que diante as análises metodológicas pesquisadas, que a ideia fenomenológica não visa apenas o desvelamento do ser das coisas, porque o conhecimento eidético é resultante da própria vivência fenomenológica, de modo que embora a fenomenologia nós peça para nos concentrarmos em nossa experiência, em sobre como as coisas aparecem para nós, a permanecemos fiéis ao caráter dessa experiência, não devemos negligenciar ou distorcer a ideia de que tais aparições são principalmente aparições de coisas (CERBONE, 2012).

Com base nas explicações e evidências teóricas, a experiência estética, iniciada na imaginação, coincide com uma fenomenologia da imagem, a experiência

estética implica igualmente uma mudança de atitude pressuposta para a sua realização, de maneira que o objeto estético, ao ser tomado enquanto tal, efetiva o movimento de passagem de um objeto puro ou ordinário em direção ao status de objeto intencional, que é analisado na sua dimensão fenomenológica. Nesse sentido, ao considerar o objeto intencional, isto é, o objeto propriamente fenomenológico, este objeto é o que é visado nos vividos intencionais da consciência e não o que entra na consciência como se fosse, de fato, uma coisa. (ARAÚJO, 1990).

Diante, as ideias correlacionadas acima, no que concerne a fenomenologia, compreende-se que é considerada, antes de qualquer coisa, mais uma forma de pensar do que um sistema filosófico. Ou seja, visa compreender os conceitos que são usados a partir da apreensão do seu papel na vida humana. Portanto, captar fenomenologicamente a essência da percepção é compreender como a percepção efetivamente funciona nas relações dos indivíduos com o mundo circundante e com outros indivíduos (Matthews, 2010).

Nesse contexto, corroborando com o estudo, para Hermann (2005), o estético não resulta da cognição, mas se relaciona com a transmodelagem dos objetos, que envolve todos os sentidos do sujeito, que competem entre si e forçam o sujeito a lidar com as novas possibilidades geradas na experiência. Assim, o termo estético apresentou a necessidade de uma educação estética da humanidade, como principal objetivo da educação, num momento em que a estética se interpõe contra o rígido racionalismo.

A análise fenomenológica dos objetos estéticos é também fundada pela intuição, não especificamente a intuição de essências ou eidética, mas a intuição de essência como imagem, onde cada um dos modos de doação possui particularidades de composição intencional. A significação dos objetos estéticos não depende apenas do que é presentificado e apresentado através dos conteúdos diretamente contidos na sua própria materialidade. (HUSSERL 2006).

Duarte Jr. (1986), alerta que hoje qualquer conjunto de ideias com o qual se procede a uma análise, investigação ou especulação a respeito da arte e da beleza, dedicada a buscar sentidos e significados para aquela dimensão da vida na qual o

homem experiência a beleza. Assim a Estética é a ciência da beleza. A experiência estética é a experiência que temos frente a um objeto ao senti-lo como belo.

Diante do exposto, a perspectiva fenomenológica aqui apresentada para Andriolo (2016), entende-se como uma filosofia que se propõe a descrever as experiências vivenciadas pelas pessoas com ênfase no contexto de consumo, se até aos contextos experienciais de consumo, numa tentativa de esclarecer o significado dos conceitos utilizados pelos indivíduos.

A orientação fenomenológica tem o intuito de descrever as vivências e a percepção dos indivíduos, contemplando dimensões a partir de narrativas e estímulos advindos do espaço social.

Assim, ao apresentar uma compreensão profunda sobre a Psicologia Fenomenológica, Giorgi (2010) afirma a possibilidade de se analisar o que surge no fluxo da consciência, a Fenomenologia no campo da Psicologia busca captar, a partir das experiências, os significados das vivências para a pessoa, em determinadas circunstâncias, por ela vivenciada em seu existir cotidiano, através da redução fenomenológica.

A proposta de pesquisa fenomenológico-empírica permite, por meio da narrativa dos sujeitos, emergirem os elementos significativos da experiência, sem nenhum tipo de definição prévia por parte do pesquisador, o que permite manter-se o mais autêntico possível ao fenômeno investigado. Desse modo, não há uma hipótese, mas um problema a ser analisado e compreendido, o ponto de partida eram os problemas e não as concepções (GIORGI, 2010).

A experiência estética traz o estranho, a inovação e a pluralidade que não podem ser desconsiderados no plano da interpretação e problematização do agir moral. A necessidade de salvar o não-idêntico e o contraditório, as dificuldades de lidar com oposições razão-imaginação, espírito-corpo, contingência-necessidade, unidade-pluralidade, decorrentes das interpretações metafísicas do mundo”. (HERMANN, 2005).

De acordo com Lago (2011) em sua obra evidencia que a estética esteve sempre ligada à reflexão filosófica, à arte e a sociedade, em primeiro momento

buscava-se a compreensão do belo. No campo da filosofia clássica, a estética recebeu suas definições por meio de alguns filósofos como Platão, o qual acreditava que o belo era uma via de acesso ao Mundo das Ideias. Deliberava-se então o conceito de que o ser humano deve agir pelo uso da razão.

Na avaliação de Goergen (2012), em ordem estética, a ruptura da tradição em que a estética esteve subordinada, à razão e aos valores transcendentais: à razão enquanto estrutura capaz de evidenciar tais valores. Visto que o projeto moderno constitui-se pela fé na razão como indutora e garantidora do progresso humano, tanto científico técnico quanto moral. A estética encontra-se autônoma, como um elemento significativo no processo de conhecimento e educativos, na elaboração de novos valores, pela possibilidade de abertura, de configuração de novas perspectivas.

A partir da aplicação dos preceitos da fenomenologia husserliana para a análise estética e da arte, conforme Baumgarten (1993) é possível pensarmos que a experiência estética se realiza como conhecimento, ou seja, a arte apresenta-se como fenômeno por meio da redução fenomenológica para em seguida alcançar o ser da obra, a sua essência pela efetivação da redução eidética.

Como proposto por Baumgarten, na sua obra fundante da estética como campo de conhecimento autônomo, de forma que, a ciência do modo do conhecimento e da exposição sensível é a estética.

De acordo com (FIGURELLI apud DUFRENNE, 2004), em sua obra a “Fenomenologia da experiência estética”, que se refere à experiência estética do espectador, nela, apresenta a distinção entre obra de arte e objeto estético; a obra de arte, por meio da percepção estética, se torna objeto estético. Ao descrever o objeto estético, o filósofo aponta três níveis: presença – onde salienta o tratamento dado ao papel desempenhado pelo corpo na percepção, clara influência de Merleau-Ponty -, representação e sentimento.

Verificou-se através dos relatos dos autores apresentados, que é possível compreender tanto na experiência estética quanto na experiência fenomenológica estamos diante de um conhecimento de essência que ultrapassa as condições materiais do objeto intencional, e correspondem a análises das manifestações da

arte como fenômenos significantes e, em ambos os casos, as fundamentações teóricas de suas proposições estão situadas no contexto da linguagem.

Por fim, diante do exposto compreende-se que a fenomenologia é capaz de trazer fortes indagações sobre a visão natural do mundo, do senso comum e a experiência estética apresentam semelhanças com a experiência fenomenológica em razão da sua própria orientações e condições intencionais entre sujeito e objeto.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do presente estudo, verifica-se que a estética fenomenológica é, em grande medida, associada à tradição fenomenológica, tendo como grandes e renomados autores como Maurice Merleau-Ponty e Mikel Dufrenne, assim pode-se dizer que a fenomenologia é formada por duas partes, ambas de origem grega, no qual a primeira vem à palavra fenômeno que por sua vez significa aquilo que se mostra e não simplesmente aquilo que apareceu, e em segundo momento tem-se a palavra logia como a capacidade para refletir.

Compreende-se que a estética sob o sentido de uma teoria do belo, a qual a fenomenologia tem por objetivo descobrir esse mundo antes do saber e do conceito, por isso esse é um processo de deslumbramento.

É sabido que a fenomenologia, enquanto campo teórico, é constituída por uma grande variedade de abordagens conceituais, de forma que cada uma delas recebeu um determinado enfoque, com base nos problemas que receberam maior destaque investigativo. Sendo assim, com base nesse contexto teórico, a experiência estética corresponde à vivência fenomenológica a partir das noções comuns, já mencionadas experiências de reflexão com base em elementos principais como a imaginação e pela intuição.

Pode-se perceber no mundo atual uma grande cobrança em relação à estética, a apresentação de procedimentos e serviços nesta área são inúmeros, a preocupação referente ao corpo e a beleza é evidente e cada dia mais as pessoas buscam tais

serviços para um aperfeiçoamento da sua característica física e do corpo esteticamente perfeito o que conseqüentemente afeta o psicológico.

Observa-se que a percepção estética, diferente da percepção comum, propicia qualidades, novos sentidos e atmosferas, novas formas de ver, pensar ou sentir, para além do que está constituído, ela possibilita configurar novas formas de ser e estar no mundo.

Entende-se diante do contexto teórico, que a percepção estética, sob o olhar do caminho fenomenológico, como a mais clara vivência, onde o real constitui-se como uma percepção, sensível. Se a estética designa beleza, tal beleza não é uma qualidade objetiva, pois o que é belo para alguém, pode não ser belo para outro.

Portanto, conclui-se diante de todo este panorama de teorias, que a consciência estética, é como uma das modalidades o qual está relacionada com as imagens físicas, isto é, com fotografias, pinturas e retratos diferenciando-se da consciência de imagem que compõe as imagens mentais. Desta maneira, a estética está ainda hoje inserida na discussão sobre as divergências entre dois campos filosóficos, trata-se de uma percepção que apreende o objeto como um todo, sem analisar suas formas constituintes; assim uma percepção global das formas expressivas.

Por fim, ao abordar as relações entre o aspecto da linguagem e a expressão corporal, ou seja, a razão e a percepção, compreende-se que é fundamental para a abordagem do conhecimento, desse modo, corpo e linguagem constituem um fenômeno multidimensional.

ABSTRACT: The aesthetic perception, of phenomenological nature, comes mainly from the spectator, although it is also present in the creative act, it is in the spectator that the phenomenon takes place, this philosophical approach can also be understood as a study of the essence of existence. The present study aims to identify the relationship between aesthetics and phenomenology to understand the phenomenological perceptions that provide the understanding of movement over aesthetics, phenomenology can be proficient in aiding a detailed description enabling the return of a critical reflection on this field making correlations with psychology. This article was developed in a bibliographical research using data from theoretical categories already worked by other researchers and duly registered and substantiated. Therefore, it is worth considering phenomenology as a possibility for guidance in investigations, and so it is possible to conclude that through the phenomenological approach that arouses interest in the world of experiences that is developed by perceptions and presents itself as a vast panorama of possibilities. Finally, aesthetic perception, different from common perception, provides qualities, new senses and atmospheres, new ways of seeing, thinking or feeling, in addition to what is constituted, it makes it possible to configure new ways of being and being in the world.

REFERÊNCIAS

ANDRIOLO, A. A. Paisagem da Cidade Histórica e Turística: Fenomenologia da Experiência Estética. **Caderno Virtual de Turismo**, 16(3), 2016.

ARAÚJO, J. C. **Estudos Husserlianos de Maria Manuela Saraiva**. In: Phainomenon, n. 22-23, Lisboa. 1990.

BAUMGARTEN, A. G. Estética: a lógica da arte e do poema. Trad. Miriam Sutter Medeiros. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

CERBONE, David R. **Fenomenologia**. Trad. Caesar Souza. Edição digital. Petrópolis, RJ: Vozes. Livro eletrônico, 2012.

Dartigues, A. (2003). **O que é a fenomenologia?** São Paulo: Centauro.
DEMO, Pedro. **Introdução à Metodologia da Ciência**. São Paulo; Editora Atlas, 1991.

DÉPRAZ, N. **Compreender Husserl**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

DUARTE, JR. João Francisco. **O que é beleza?** São Paulo: Brasiliense, 1986.

DUFRENNE, M. Fenomenologia da experiência estética (I - O objeto estético) / (II - A percepção estética), Paris, PUF, 1953.

_____, M. **Estética e Filosofia**. Trad. Roberto Figurelli. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.

_____, M. **Fenomenologia e estética**. In: TYMIENIECKA, A.-T. (ed.). *Analecta husserliana*, 1976, c. 5.

FEIJOO, A. M. L. C.; GOTO, T. A. **É possível a Fenomenologia de Husserl como Método de Pesquisa em Psicologia?** *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.32, n.4, 2016.

FIGURELLI, R. **Introdução à edição brasileira**. In M. Dufrenne (Org.), **Estética e Filosofia**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

FORGHIERI, Y. C. **Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisa**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. 7. ed., Petrópolis: Vozes; São Paulo: Editora Universitária São Francisco, 2005.

GALLAGHER, S. **Phenomenology**. London: Palgrave Macmillan, 2012.

GILES, Thomas Ransom. **Introdução à Filosofia**. 2ª edição revisada e ampliada. EPU, EDUSP. Editora da USP. SP. 1979.

GIORGI, A.; SOUZA, D. **Método Fenomenológico de Investigação em psicologia**. Lisboa: Fim de Século, 2010.

GOERGEN, Pedro. **O embate da modernidade/pós-modernidade e seu impacto sobre a teoria e a prática educacional**. Eccos – Ver. Cient., São Paulo, n. 28, maio/ago. 2012.

GOTO, T. A. **Introdução à psicologia fenomenológica: a nova psicologia de Edmund Husserl**. São Paulo: Paulus, 2015.

HERMANN, Nadja. **Ética e estética: a relação quase esquecida**. 1a ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. – (Coleção filosofia; 193).

HEIDEGGER, Martin. **Os problemas fundamentais da fenomenologia**. Trad. Marco Antônio Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

HOLANDA, A. F. (Org.). **Psicologia e pesquisa fenomenológica: reflexões e perspectivas**. 2. ed. São Paulo: Ômega Editora, 2001.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura**. Trad. Márcio Suzuki. Aparecida SP: Ideias e letras, 2006. § 7.

_____. **A ideia de Fenomenologia**. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2000.

_____. **Investigações Lógicas: sexta investigação: elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento**. Nova cultural. São Paulo. 1991.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo, **Dicionário Básico de Filosofia**. 3ª edição revisada e ampliada. Jorge Zahar Editor, RJ, 1996.

JIMENEZ, Marc. **O que é estética**. Trad. Fulvia M. L. Moretto. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1999.

KUNZ, Elenor. **Esporte: uma abordagem com a fenomenologia**. Revista Movimento. Ano VI. nº 12. 2000.

LAGO, Clenio. **Experiência estética e formação**: articulação a partir de Hans-Georg Gadamer. Porto Alegre, 2011. Fac. de Educação, PUCRS.

MERRIAM, S. B. **Pesquisa qualitativa na prática**: exemplos para discussão e análise. A série de educação superior e de adultos Jossey-Bass. (2001).

MARTINS J. **Um enfoque fenomenológico do currículo: a educação como póiesis**. São Paulo: Cortez, 1993.

MATTHEWS, E. (2010). **Compreender Merleau-Ponty**. Petrópolis: Vozes.

MERLEAU-PONTY, M. (2006). **Fenomenologia da percepção** (C. A. R. Moura, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1945).

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura**. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

MINAYO, Maria Célia de Souza. **O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 8ª edição. São Paulo. Editora Hucitec. 2004.

PASSERINO L M. **Metodologia da pesquisa**. 2004. Disponível em <http://www.ulbra.tche.br/~lilianap/mpesq/> Acesso Maio 2021.

PINTO, Julio. **1,2,3 da Semiótica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995.

ROSENFELD, Kathrin H. **Estética**. 2ª Ed. Edição digital. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2006.

SAISON, M. Leer a Mikel Dufrenne hoy. *Ágora - Papeles de Filosofia* (J. B. González, Trad.). 2005.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à fenomenologia**. Edições Loyola. São Paulo. 2004.

Werle, M. A. **Mikel Dufrenne**: a fenomenologia da experiência estética. *Sapere Aude*, 6(12), 2015.